

Em busca de uma identidade

Resenha de CHAPMAN, M. *Anglicanism: a very short introduction*. Oxford, Oxford University Press, 2007.

Luís Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero

Ao redor do mundo, as estimativas falam em cerca de 20 milhões de anglicanos. No Brasil, são 20 mil, também segundo estatísticas imprecisas. Esse número, pequeno se comparado aos demais protestantes, talvez explique o espaço, igualmente reduzido, que o anglicanismo ocupa nas pesquisas em ciências sociais da religião no país. No entanto, trata-se de uma denominação *sui generis*, que vem ganhando espaço na mídia por conta dos vários debates internos a respeito de doutrina, liturgia e culto – em especial, a ordenação de mulheres como sacerdotes recebeu especial atenção depois que alguns milhares de anglicanos mundo afora parecem ter se convertido à Igreja Católica.

Nesse contexto, *Anglicanism: a very short introduction* é um guia recomendado para quem pretende conhecer as várias tendências, correntes e ideias que marcam a Igreja Anglicana – inclusive para derrubar algumas teorias, à beira do senso comum, que geralmente definem o que se entende por “anglicano” e “anglicanismo”.

A criação da Igreja Anglicana, no contexto de uma crise política entre o rei Henrique VIII e o Papa, no século XVI, é trabalhada com cuidado, mostrando os diversos elementos políticos e econômicos envolvidos, mas também sem deixar de lado os escrúpulos religiosos, aparentemente sinceros, do rei. Proibido de anular seu casamento com Catarina de Aragão – que havia sido esposa de seu irmão, Arthur -, Henrique decidiu romper com Roma e se tornar o chefe temporal da Igreja na Inglaterra.

O problema é o que acontece depois – e a partir daí *Anglicanism* oferece um panorama completo das mudanças que essa primeira ruptura trouxe. Situada teologicamente a meio caminho entre a Igreja Católica e as Igrejas protestantes, em especial a Luterana, a Igreja Anglicana se esforçou para construir uma identidade

própria, alternando momentos “católicos” com “protestantes”, seja na doutrina, seja na liturgia. A identidade, aparentemente, se fundava em uma fórmula nacional – tratava-se da “Igreja da Inglaterra” e isso era o bastante. Até que a Igreja da Inglaterra se espalhou mundo afora.

Esse momento é trabalhado pelo autor a partir de um ponto de vista tanto histórico quanto sociológico: o que significa para uma igreja nacional se expandir além de suas fronteiras? Qual o sentido de uma “Igreja da Inglaterra” nos Estados Unidos, nas ex-colônias do Império Britânico ou mesmo no Brasil? A resposta, mostrada pelos autores, foi a formação da “Comunhão Anglicana”, espécie de federação na qual o Arcebispo de Canterbury, na Inglaterra, é um *primo inter pares*, sem jurisdição sobre dioceses.

Fiel ao propósito da coleção “very short introductions”, publicada pela Universidade de Oxford, *Anglicanism* oferece um panorama para se compreender essa denominação que, se é menos conhecida no Brasil, tem uma aspectos sociológicos e identitários que desafiam as interpretações redutoras.